

CONTAR HISTÓRIAS: A NARRATIVA COMO POSSIBILIDADE DE (TRANS)FORMAÇÃO NO PROJETO CIRANDAR

Moacir Langoni de Souza
moacirlangoni@gmail.com

Desde algum tempo, cerca de três ou quatro semanas atrás, a tarefa de elaborar um relato a respeito do Projeto Cirandar vem sendo protelada. Uma lista enorme de justificativas poderia ser enumerada. Repasso-as agora na memória e percebo que uma a uma todas poderiam ser contestadas utilizando uma frase do professor Roque: “Precisas meter a mão na massa!” Como não fiz isso, aqui estou, quase meia-noite do último dia determinado para postagem!

Antes de qualquer escrita, entretanto, é preciso destacar que a proposição do Cirandar encontra-se impregnada da convicção de que a roda constitui-se como espaço privilegiado na formação permanente de professores que escrevem, lêem e contam suas histórias. Esta é a aposta do nosso grupo e impregna a proposta do PIBID institucional da FURG na proposição das narrativas e do exercício de contar histórias que, por sua vez, encontram guarida em Walter Benjamin (1994, p. 37) quando diz que “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”.

E me pego pensando que seria bom se eu tivesse feito a leitura de outras narrativas, além daquela que a Maria do Carmo nos apresentou logo no início, desencadeando o processo de estímulo à escrita via leitura do que o outro escreve. Esse processo dialógico, em que uma narrativa vai desencadeando/estimulando outra narrativa, parece que ajuda vencer a resistência inicial à escrita e também em relação a “sobre o que escrevo?” ou, ainda, “de que modo posso escrever sobre esse tema?”. Nesse processo podemos perceber o ato de narrar não apenas como mero “transmissor da coisa narrada como uma informação ou um relatório”, mas sobretudo enquanto potencial para mergulhar “a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”, imprimindo-lhe a sua marca (LIMA, 2005, p. 151).

Isso me lembra uma atividade que desenvolvo há alguns anos com grupos de estudantes do 1º ano do curso de Química - Licenciatura, na disciplina “História da Química”. O foco da atividade é estimular que os licenciandos contem histórias, preferentemente envolvendo lembranças da sua infância relacionadas com metais. Para desencadear o processo de produção dessas histórias é disponibilizada a leitura de um fragmento de texto do livro “Tio Tungstênio - Memórias de uma Infância Química”, em que o autor, Oliver Sacks, relembra fatos da sua infância que têm relação com metais. Numa das passagens do texto ele escreve: “Eu conhecia o cobre – a reluzente cor rósea do grande caldeirão em nossa cozinha era cobre; o caldeirão era tirado do armário só uma vez por ano, quando os marmelos e as maçãs ácidas amadureciam no pomar e minha mãe fazia geléias com eles (SACKS, 2002, p. 9).

No fragmento da história de Cláudio (nome fictício), que apresento a seguir, aparece a influência direta do texto de Oliver Sacks no seu “estilo”, o que evidencia a possibilidade deste exercício contribuir para, além de estimular a escrita, se obter produções textuais mais elaboradas.

Mesmo que tantos anos tenham se passado em minha vida, não deixo de me lembrar dos metais, que sempre estiveram presentes nos filmes medievais e desenhos animados os quais muitas vezes me fizeram perder o sono. [...] Lembro-me de uma certa tarde que fui até minha mãe para questioná-la sobre a diferença que havia entre o ouro e o bronze, pois o ouro era o material usado nos itens dos personagens mais poderosos, enquanto o bronze era o componente dos

itens dos personagens tidos como fracos. Graciosamente minha mãe respondeu-me:

- Meu filho, o ouro é o metal que contém a vantagem de sempre se manter puro enquanto o bronze, apesar de ser também muito útil, ele não contém tal capacidade [...]. (“Entre espadas e escudos”, Cláudio)

Nesse caso, diante da afirmativa de que os estudantes não sabem e/ou não gostam de escrever, caberia a pergunta: “Mas escrever sobre o quê?” Talvez aí resida uma questão interessante para que nós, professores, pensemos em relação ao trabalho com a escrita em nossas disciplinas. De certa forma, parece que boa parte deles gosta de contar histórias.

- Já passa da meia-noite!

Percebo que minha escrita estava perdendo o rumo e penso que o foco deste relato vai ser mesmo o movimento nas rodas que participei em julho: o encontro no Lília Neves, no dia 17; o encontro, neste mesmo dia, em São José do Norte; e o encontro em Santa Vitória do Palmar, no dia 19.

- Meia-noite e quarenta!

Estou folheando o caderninho azul, que ganhei na ida ao Lília Neves, logo na chegada. Roda de afetos! Alguns registros no caderno vão pontuando movimentos dos professores dos seminários e que atuam nas escolas deste núcleo:

“Nas reuniões todo mundo se ajuda! Trazem textos...”

“Alguém usou o CD que a CRE ofereceu?”

“Cada um se organizou de uma maneira...”

“Trabalharam o vídeo ‘A origem das coisas’...” (numa referência ao uso do CD)

“...a idéia é ‘puxar’ o professor aos poucos...”

“Não se pedem aulas de ensino, apenas essas aulas precisam ser pensadas em outro espaço...” (preocupação com os 2º e 3º anos, repensar espaço físico, etc.)

“Não consegui isso ainda!” (em relação a juntar os professores)

“O que eu acho bonito de ver é a aceitação do aluno!”

- Uma e quinze!

Encontro de São José do Norte. Correria em vão para chegar a tempo de pegar a lancha do meio-dia! O encantamento de sempre com a paisagem no trajeto.

Sigo lendo anotações no caderninho azul. Na contra-capá, entre outras perguntas num texto impresso: “Você sabe o que é vegetação ciliar? E Área de Preservação Permanente?” Isso me remete para uma característica que, na minha percepção, marcou durante o encontro a fala do professor Carlos, de Bojurú: o trabalho com foco em questões ambientais e na sustentabilidade. Ele deu destaque para a mudança, logo no início, no arranjo da sala de aula: roda. Ao final, diz ele: “a sala já está no ‘layout’ quando chego”.

Ao todo eram 39 professores presentes, cinco diretamente envolvidos com os seminários. Novamente trago registros de alguns fragmentos de falas de alguns professores, que vão pontuando movimentos em relação aos trabalhos desenvolvidos e os desafios enfrentados com coragem e determinação:

“...estou trazendo outras disciplinas. Eu sou sozinha!”

“Não tem uma temática. Os alunos estão indo atrás...”

“Não sabemos que rumo tomar. Estamos meio perdidos, cada um faz o que quer.”

“...a partir daí vamos engajar outras áreas, outros professores.”

“Todos os professores estavam trabalhando, todos estavam se sentindo professores de seminário. Quando virou disciplina, outros professores recuaram.”

“Eles viram as torres e equipamentos que viriam para São José do Norte.” (referindo-se a visita dos estudantes ao Porto de Rio Grande)

“Os professores estão se entrosando; estão se ajudando!”

- Duas e cinco!

Encontro de Santa Vitória do Palmar. A tradicional parada no caminho, para um delicioso pastel. O almoço no “restaurante do Gordo” e seu bife gigante! A visita ao campus da FURG, que determinou um atraso de quinze minutos para o encontro com os professores. Uma grande roda e, num primeiro momento, o estranhamento: não encontrei nenhum rosto conhecido! Depois de algum tempo, o acolhimento foi “nos aproximando” e o exercício da escuta atenta foi deixando registros no “caderno azul”:

“Acredito que as coisas estão ainda muito escuras para nós...”

“Precisamos de espaço. Precisamos de tempo.” (em relação às dificuldades dos alunos do noturno)

“Acredito que com vocês as coisas agora comecem a andar...”

“Até agora ainda não consegui definir nada com meus alunos!”

“Está nos faltando apoio.” (em relação ao laboratório fechado)

“A mudança é difícil! Temos que sair da nossa acomodação...”

“Que negócio é esse de ensino politécnico?”

“A gente tem pouco espaço/tempo para reuniões.”

“Acho que o projeto se concretizou.”

“Para onde caminhamos?”

“A gente não sabe o que vai acontecer,”

“Eu não tenho possibilidade de achar que vai dar errado.” (citando Immanuel Wallerstein)

“Não vivemos mais o mundo das certezas!”

“Como posso apresentar para meus alunos o que não conheço?”

“A construção de tudo isso é de vocês!” (referindo-se ao que está sendo construído pelos professores com a experiência dos seminários)

“Trabalhamos mais porque temos amor à nossa profissão!”

“Qualidade de vida numa perspectiva socioambiental” (nome de um dos projetos apresentados)

“Houve momentos em que a gente teve até três professores juntos na sala de aula.” (referindo-se a uma turma de estudantes do noturno)

“Acho que dá pra fazer. Se a gente chegar no colega e dizer: Preciso da tua ajuda! A gente consegue!”

Duas e quarenta e cinco!

Na perspectiva desta narrativa, o relato pessoal pode vir “carregado” de situações vivenciadas (re)visitadas pelo narrador e (re)contadas do seu ponto de vista atual, constituindo a paisagem de um cenário complexo e denso em que outros olhares passeiam e interagem, delineando contornos, percebendo nuances. Nesse sentido, este relato constitui o que foi possível contar neste momento. A partir daqui ele ganha autonomia, no diálogo com outros interlocutores.

Pensadas “como espaços em que seus participantes tramam sua história através das partilhas”, como propõe Warschauer (2001, p. 300), as Rodas de Formação se constituem enquanto redes de interações entre os participantes. O processo das narrativas partilhadas na formação permanente de seus integrantes pressupõe, concordando com a autora (*Ibidem*), “o cuidado mútuo, a escuta sensível, [...] o respeito durante os conflitos, a coragem de ver-se no outro, de olhar para ele e para si, o formar-se formando...”.

Esta percepção, por sua vez, está distante do olhar ingênuo que não percebe os nós que, nos fios e tramas das histórias de cada um, representam distanciamentos e conflitos que inviabilizam o diálogo e a partilha para a construção de uma história comum. Ela está ancorada na perspectiva do acolhimento e do vir-a-ser inclusivo, que prefere mais o preenchimento que as lacunas.

Assim, as frases destacadas ao longo do texto pretenderam registrar os movimentos que percebi nos encontros que participei. Estão impregnadas, portanto, do meu olhar no momento do registro. Entretanto, mergulhadas neste texto deixam o contexto das falas e ganham autonomia. Interpretá-las, neste caso, é um exercício de atribuição de significados que pode desencadear em cada leitor uma percepção diferente, uma vez que a diversidade nos constitui. De certo modo, algumas delas sugerem limites, como esta: “Acredito que as coisas estão ainda muito escuras para nós...”. Outras tantas ensaiam possibilidades: “A mudança é difícil! Temos que sair da nossa acomodação...”; “Os professores estão se entrosando; estão se ajudando!”

Por conta do que fui pontuando ao longo deste texto, meu sentimento em relação ao projeto Cirandar é de acolhimento, retomando a perspectiva destacada anteriormente. Para o encontro em novembro, minha expectativa é de que as rodas de conversas se constituam como espaços de escuta atenta ao que o outro diz, de respeito aos conflitos que pontuam as lidas de cada um, de aprender em comunhão, enfim, como espaços privilegiados na formação permanente de professores que escrevem, lêem e contam suas histórias.

REFERÊNCIAS

- LIMA, M. E. C. C. **Sentidos do Trabalho**: a educação continuada de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SACKS, O. W. **Tio Tungstênio**: memórias de uma infância química. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.